



José Lourenço

Chega-me aí a valise

Tem acontecido com alguma regularidade ver assuntos que trago aqui para este “Olho Clínico” serem abordados igualmente por outros colonistas em variadíssimos meios de comunicação.

É normal, por serem habitualmente temas actuais, mas, mesmo assim, dá-me algum prazer constatar a coincidência das sensibilidades de quem escreve, quando há tanta coisa à nossa volta.

Foi o caso, um destes dias, dos médicos estrangeiros, que foi interpretado pelo menos por dois articulistas da forma que eu o apresentei. Como são profissionais da medicina e do jornalismo médico, senti o meu ego afagado.

No fundo, o cerne da questão prende-se com a diferença entre a intervenção num acto agudo, acidente de qualquer espécie, e a posição de um médico de família que tem, pela comunicação, de perceber, criar e desenvolver os dados que lhe são apresentados, numa história clínica que conduza a um correcto diagnóstico.

Pegando num artigo recentemente publicado no NYTimes, ainda fico mais preocupado:

Começando por estabelecer um paralelo com as estafetas no atletismo e a importância de uma correcta transmissão do testemunho, o autor acentua que a assistência médica não poderá ter sucesso se a transferência não for bem-feita.

A mesma decorre no período em que os profissionais de saúde mudam de turno e os cuidados de um determinado doente são entregues a uma nova equipa de médicos e enfermeiros. Este período é considerado um dos

momentos mais arriscados e sujeito a erros sobre um doente, que podem decorrer de alergias não reportadas e quando indicações vitais para atendimento do mesmo não são compartilhadas.

O Dr. Pauline Chen escreve:

“Eu sempre me senti desconfortável com a transferência da minha responsabilidade como um médico para outro médico.

Nós não podemos estar de serviço o tempo todo, mas tenho medo que a complexidade dos cuidados de meu paciente seja diluída, mal interpretada e possivelmente mutilada.

Ao longo dos anos, tenho tido conhecimento de trágicas consequência “deste passar de mãos” e só peço a Deus que nunca suceda com nenhum dos meus doentes”.

Claro que esta possibilidade de erro é comum a todos os médicos e não apenas quando estão diferentes nacionalidades em presença. Mas aumenta seguramente nestes casos.

Todos sabemos que, entre colegas da mesma profissão, o implícito e o explícito são muitas vezes confundidos. Um porque acha que não tem necessidade de ser exaustivo, outro porque acha que, por não ser parvo, a meio do relato “já viu o filme”.

Também por este motivo, cabe aos políticos e autoridades de saúde pesarem bem todas as implicações da contratação e melhor forma de colocação de médicos não portugueses. ■